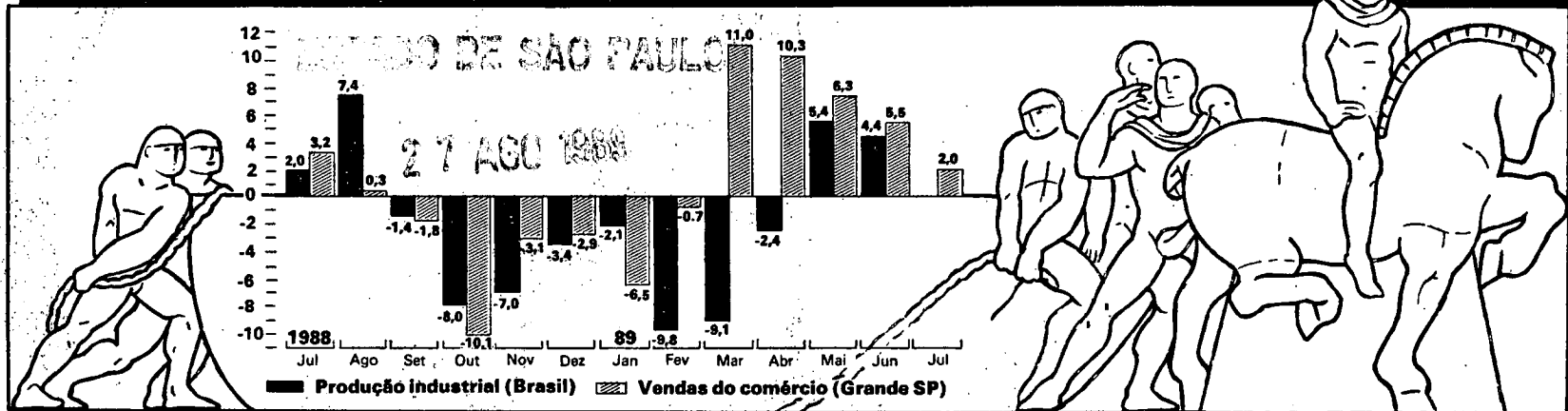


O ritmo das atividades

Comparação com o mesmo mês do ano anterior, em %



Um desastre que não chega

Emprego estável e expectativa de avanço da inflação ajudam a sustentar o consumo

MARIA APARECIDA DAMASCO

Um analista mais apressado identificaria alguns traços depressivos no comportamento de boa parte dos empresários. A cada mês que passa, industriais e principalmente comerciantes repetem a ladainha: "Até aqui tudo bem, mas no mês que vem será o desastre." E, por enquanto, o desastre não chegou. A divulgação do PIB do segundo trimestre — 6,8% superior ao do primeiro trimestre, recorda na década — é uma indicação segura de que a situação é difícil, mas o mundo não acabou.

"Com uma inflação de 30% ao mês, há uma razão concreta para sempre se temer o mês seguinte", justifica Marcel Solimeo, diretor da Associação Comercial do Estado de São Paulo. "A maré de consumo ainda não esvaziou, principalmente na indústria, mas o risco de recessão existe", concorda o economista Celso Martone, da USP.

Desde o fim do Plano Verão

e o repique da inflação, a preocupação com uma virada do mercado se generalizou. As previsões eram aterradoras: os preços explodem, os salários não acompanham, as vendas desabam, a produção também, o desemprego cresce e, daí por diante, tudo pode acontecer. A avaliação de que as políticas heterodoxas caíram em absoluta desgraça e o governo finalmente conseguiria aplicar um tratamento duro à economia — em particular ao setor público — fortalecia essas perspectivas.

É claro que uma parte desse quadro se confirmou. A inflação já bate nos 30% — e, apesar da torcida da equipe econômica, dificilmente irá parar por aí. Mas, até o momento, a disparada dos preços mais incentiva do que segura o consumo. Muita gente antecipa compras porque sabe que "amanhã é mais caro" e porque sente que as aplicações financeiras, no final das contas, são pouco remuneradas. "A história mostra que não há recessão às vésperas de hiperinflação", explica o economista e ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore.

Os salários também não correm na velocidade dos preços. Embora grandes empresas estejam concedendo reajustes salariais com base na inflação inte-

gral — acima do que determina a lei —, no conjunto, os dados são desfavoráveis. De acordo com a pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), o salário médio real na Grande São Paulo, em junho, estava 15,5% abaixo do de dezembro.

ONDA DE PESSIMISMO

As outras tragédias porém, ainda não aconteceram. A produção industrial, depois de meses a fio de números negativos, em maio e junho conseguiu bons resultados (ver gráfico). E o que determinou essa reação foi principalmente um movimento de recomposição de estoques.

O comércio, embora venha perdendo fôlego, não tem muito do que se queixar. Embalada nessa onda de pessimismo, a Federação do Comércio de São Paulo insiste em alardear uma queda brutal de vendas. Mas baseia suas informações numa comparação de resultados nem sempre adequada — ou seja, na variação de vendas de um mês para outro. Por esse confronto, por exemplo, janeiro será sempre pior do que dezembro, a não ser que ocorra uma catástrofe no mercado ou que se risque o Natal do calendário.

Quando se comparam os números de um mês com os do mesmo mês do ano anterior, as coisas mudam de figura: o aumento de vendas é minguido, mas ainda se mantém. Além disso, o nível de emprego continua satisfatório — como consequência e também como causa desse razoável movimento dos negócios.

Os primeiros sinais do desempenho do comércio em agosto não alteram muito o panorama. O País não vive nenhuma fase de euforia, mas também está longe de uma recessão brava, como pintavam alguns empresários e economistas. "Continuamos produzindo a todo o vapor e vendendo tudo o que produzimos", garante Jacks Rabinovich, presidente do Grupo Vicunha. "Acho que, pelo menos até as eleições, as coisas andam." "Agosto não está sendo um mês excepcional, mas pode ficar acima de agosto do ano passado", continua Solimeo, lembrando a ajuda providencial das liquidações. "A safra de reajustes salariais das grandes categorias, nos próximos meses, é que irá definir se a situação se mantém ou arrebenta."